**O REAL NO ESPELHO**

Roberta Luna da Costa Freire Russo [1]

Ao ler o prelúdio de Jairo Gerbase Adventos do Real: autismo e fobia, por ocasião do III Colóquio da Rede Diagonal Brasil, me ocorreu a teoria do big bang, ou seja, a hipótese do surgimento e evolução do universo. O big bang é também chamado de “hipótese do átomo primordial”. Seus inventores afirmam que nada pode ser dito sobre o universo antes do big bang, mas, a partir dele, pode-se explicar a evolução do universo. O big bang do sujeito não seria o encontro entre o corpo pulsional e o significante primordial? Nesse sentido, o Real só poderia existir despertado pelo significante. A partir de então estamos no campo do registro, ou seja, da inscrição. O Real está passível de se manifestar, de maneiras diversas, por alguma aresta. As arestas seriam os pontos de articulação entre o Imaginário, o Simbólico e o Real, cujo efeito seria a inibição, o sintoma e a angústia.

Em Posição do Inconsciente, Lacan afirma que sem o significante, não haveria nenhum sujeito no Real. É, portanto, o significante que faz o advento do Real e o advento do Sujeito. Como “Efeito de linguagem, por nascer dessa fenda original, o sujeito traduz uma sincronia significante nessa pulsação temporal primordial que é o fading constitutivo de sua identificação” (Lacan, 1998, p.849). A esse primeiro movimento, Lacan acrescenta o segundo, efeito do primeiro, constituindo-se, para ele, o problema fundamental, que é a relação do sujeito com a linguagem.

Assim, retomando os movimentos de estruturação subjetiva, visitei o RSI, no qual Lacan fala do entrelaçamento das três consistências, no enodamento estrutural que coloca o Real na sua ex-sistência. Os três registros, lugar de inscrição da realidade psíquica freudiana, se esboçam numa relação irremediável de barrar o Real. Lacan diz ainda, que o imaginário deve ser tomado em sua consistência própria, o qual significa dizer que disso depende o nó, isto é, a ex-sistência do Real. Meu ponto de interesse é saber quando essa consistência é ameaçada; em outras palavras, como opera o Real no Imaginário. Lacan coloca a angústia no ponto de articulação entre o Imaginário e o Real, onde ele situa o gozo do Outro.

No seminário A Angústia (2005, p.131), ele afirma que a angústia é um fenômeno de borda no campo Imaginário, na superfície especular i’(a), especular da superfície Real i(a). Isto é, a angústia se situa no espelho, no campo próprio das identificações que sustentam o sujeito, e são garantidas pelo Outro. É porque o Outro enche o saco do corpo do sujeito que ele constitui e dá consistência ao eu. Esse eu, sede de ilusões, da ilusão de ser um (unidade especular), só se sustenta enquanto o Outro lhe dá garantias; afinal, saco vazio não se sustenta em pé. Ao encher o saco do corpo, o Outro dá ao sujeito uma consistência e revela no Espelho uma imagem sustentada pelo significante.

No Estádio do Espelho como formador da função do eu, Lacan atribui ao eu uma função: função de sujeito. De que trata essa função? É a função de sustentação das identificações. No seminário 20 (1998, p.161), ele afirma que o sujeito do verbo tem a garantia do Outro na sustentação do eu, “suficiente saber para se aguentar”.

A resposta à pergunta sobre como opera o Real no Imaginário abre-se a uma série de questões referentes à complexidade da relação entre o eu e o Outro. É possível a pesquisa em torno da fantasia de despedaçamento, dos fenômenos de despersonalização, da passagem ao ato, do amor e da identificação. Minha questão vai na direção do êxito do ato, como diz Lacan, ou seja, da passagem ao ato suicida.

Em Luto e melancolia, Freud (p.251) afirma que a melancolia é perigosa e aponta o suicídio como uma das suas consequências possíveis. Segundo ele “no luto, é o mundo que se torna pobre e vazio, na melancolia é o próprio eu”. É o eu que está em evidência nas afirmações de Freud, ou seja, algo no nível do eu sofre um desenlace, por sua relação particular com o objeto: “ a sombra do objeto cai sobre o ego”.

Minha questão é se a sombra do objeto, referida por Freud, leva o sujeito, num movimento de regressão, ao desenlace da cadeia em nível de S1, como uma espécie de desmanche da cadeia, uma “desmetaforização”. Tomo como referência o que afirma Lacan no seminário A Angústia (p.132), que o a é objeto de identificação, e só pode ser reencontrado pela via regressiva. O que acontece no ato suicida? A identificação a esse objeto, condicionado pelo atravessamento e ataque ao i(a), num registro fora do âmbito das palavras, como diz Freud. Sem palavras, o que resta ao sujeito é o ato: cair no buraco do Real, por sua ex-sistência radical, isto é, fora da cadeia.

Assim, o sujeito percorre o sentido inverso da constituição subjetiva, no qual o último instante é o atravessamento do espelho, para além de i(a). O que ele encontra? o S1, rastro de lalíngua. Isto é, na série da estruturação subjetiva, na qual O UM A MAIS possibilita o UM SEM MAIS (Lacan,1998, p.484), ocorreria, no ato suicida, o inverso: o MAIS UM como UM DEMAIS, por efeito, atravessa o espelho e despoja a ilusão do um, em direção a certeza do UM.

Assim, a passagem ao ato suicida, como a saída da cena constituída pelo Outro, é uma desfiguração do espelho, efeito de estilhaçamento, provocado pelo ataque ao i(a). O efeito disso é o esvaziamento do saco do corpo, um mergulho no real, um retorno radical à origem, ao big bang do sujeito. Porém, para os que ficam, resta, situados na cena, pendurados nas garantias do Outro, ampararem nas redes do simbólico, a imortalidade, como efeito do ato.

Referências:  
Freud, S. (1969). Luto e melancolia. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago.

LACAN, J. O Estádio do Espelho como formador da função do eu (1949). In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.  
\_\_\_\_\_\_\_\_\_Posição do Inconsciente (1960/1964). In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.  
\_\_\_\_\_\_\_\_\_. O Seminário: livro 10: a angústia. (1962/1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.  
\_\_\_\_\_\_\_\_\_. O Seminário: livro 20: mais, ainda. (1972/1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, .

\_\_\_\_\_\_\_\_\_. O Seminário: livro 22: RSI. (1974/1975)

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_  
[1] Psicanalista. Membro da EPFCL - Rede Diagonal Brasil - Fórum Natal.